

# CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS E A NEGOCIAÇÃO DE PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NA INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORES

## 1 Introdução

O estudo das estruturas sintáticas independentemente dos contextos interacionais em que ocorrem possui uma longa tradição no âmbito dos estudos lingüísticos. Dentro dessa perspectiva, a gramática é concebida como uma estrutura bem-formada, cuja coerência deve ser entendida em termos de integridade auto-sustentada. Apenas periféricamente, seriam as estruturas gramaticais afetadas por outras “capacidades mentais”, por aspectos pragmáticos relacionados aos contextos de uso da língua ou por aspectos culturais inevitavelmente entrelaçados com a semântica e o léxico.

Em contraposição a essa tradição, pode-se destacar todo um conjunto de investigações que apontam para uma outra concepção de gramática, com raízes na antropologia lingüística (Boas 1927, Sapir 1933, Gumperz e Dell Hymes 1967, Ochs 1992, Schieffelin 1990), na gramática funcional (Comrie, 1989, Givón 1984, 1990, Dixon 1979, Foley e Van Valin 1984, Hopper e Thompson 1980) e na análise da conversação (Goffman 1964, 1967, 1974, Schegloff 1972, Sacks, Schegloff e Jefferson 1974). Nos últimos vinte anos, destaca-se ainda o surgimento da lingüística cognitiva, ressaltando-se os trabalhos de Fillmore 1988, Lakoff e Johnson 1980, Lakoff 1987, Langacker 1987, 1991, Fauconnier 1994, 1997, Swetser 1990, Fauconnier & Sweetser 1996.

Guardadas as especificidades das abordagens teóricas supra-mencionadas, todas têm em comum o fato de conceberem a gramática como parte de um conjunto mais amplo de recursos que subjaz à organização da vida social. Mais particularmente, concebe-se a gramática como o modo pelo qual a língua figura na interação diária. A integridade e a eficácia das construções gramaticais estão ligadas ao lugar que elas ocupam em esquemas gerais de organização da cognição humana e da interação social.

Alinhando-se a essa perspectiva sócio-cognitiva, o presente trabalho aborda o papel das construções condicionais na interação entre professores do

Projeto Pró-Leitura, na Escola Estadual Fernando Lobo, Juiz de Fora. O objetivo é demonstrar que ao sinalizarem a perspectiva epistêmica do falante, tais construções funcionam como estratégias de negociação dos espaços mentais a serem introduzidos na interação conversacional.

### 1.1 Pressupostos Teóricos

Os estudos de Fillmore (1990 a, b) e de Sweetser (1990, 1996) sobre construções condicionais em inglês demonstraram que tanto a escolha da conjunção quanto a escolha das formas verbais marcam a perspectiva do falante em relação ao evento descrito. Fillmore propõe que um elemento básico do significado de uma condicional é a *postura epistêmica*, entendida como a associação ou dissociação mental do falante com o mundo descrito na prótase (P). Consideremos os exemplos a seguir:

- (1) Since he's hungry, he'll take a second helping.  
Já que ele está com fome, ele vai repetir.
- (2) If he's hungry, he'll take a second helping.  
Se ele estiver com fome, ele vai repetir.
- (3) If he were hungry, he'd take a second helping.  
Se ele estivesse com fome, ele repetiria.

No exemplo (1), o falante identifica-se com P, enquanto descrição de um estado de coisas real; em (2), o falante não se identifica com P nem com ~P; em (3), o falante identifica-se com ~P.

Sweetser (1990) argumenta que as conjunções condicionais são interpretáveis como unindo cláusulas de várias formas diferentes. A interpretação mais comum é aquela em que os conteúdos das duas cláusulas acham-se semanticamente relacionados. Dancyngier (1992,1993) denomina essas condicionais de preditivas, na medida em que os conteúdos das duas cláusulas estão conectados de tal forma que o conteúdo da apódose seria preditível a partir do conteúdo da prótase, como no exemplo a seguir:

(4) If it rains, they'll cancel the game.

Se chover, eles cancelarão o jogo.

(5) When the teacher arrives, the students will say "goodmorning" to him.

Quando o professor chegar, os estudantes lhe dirão "bom-dia".

Em (4), a predição se estabelece a partir de uma postura epistêmica *neutra* por parte do falante em (5), a postura epistêmica é *positiva*: o falante conta com o fato de que professor irá chegar.

Outro tipo de condicional mencionada consideravelmente na literatura pragmática e filosófica é a condicional de atos de fala. Nesses casos, o falante apresenta a "performance" de um ato de fala como ocorrendo no espaço mental condicional estabelecido pela prótase:

(6) If you are not too busy, what is Sue's phone number?

Se você não está muito ocupado, qual é o número do telefone da Sue?

Finalmente, há casos em que a relação condicional não tem a ver com o conteúdo ou com os atos de fala realizados, mas com os processos de raciocínio do falante. São as condicionais epistêmicas, como ilustra o exemplo a seguir:

(7) If he typed her thesis, he loves her.

**Se ele digitou a tese dela, ele a ama.**

**(Meu conhecimento da digitação é uma pré-condição para minha conclusão de que ele a ama).**

Tendo em vista que as construções condicionais podem ser de conteúdo, epistêmicas ou pragmáticas, além de poderem sinalizar a postura epistêmica do falante, a questão que se coloca é a seguinte: "Qual o papel dessas construções na negociação das perspectivas a serem adotadas na interação entre professores?"

## 2 A Negociação de Perspectiva

A interação conversacional que será analisada nesta seção envolve uma discussão a respeito de gêneros textuais entre um professor-formador e professores-participantes do Projeto Pró-Leitura, na Escola Estadual Fernando Lobo, em Juiz de Fora (MG). Vale destacar que a interação pautou-se por decisões epistemológicas anteriores a respeito do evento, em que se estabelece uma dinâmica específica, na qual o professor-formador não deve exercer unilateralmente o papel de transmissor do conhecimento. A proposta é que se realize uma prática reflexiva, que propiciará a emergência de novos conceitos a respeito do ensino de leitura a partir da própria experiência dos professores envolvidos.

Dentro desse enquadre interacional, presume-se que haverá necessidade de negociação de turnos e de estabelecimento de domínios cognitivos específicos, e portanto, é possível predizer que as construções condicionais serão bastante produtivas.

Os dados de interação entre professores demonstraram que condicionais epistêmicas e pragmáticas ocorrem com maior frequência, possivelmente em função do fato de que se trata de uma interação cujo objetivo é estabelecer conclusões, afirmações ou questões a respeito dos fenômenos discutidos (e não predizer eventos). A expressão da condicionalidade ocorreu através dos seguintes mecanismos formais:

A. *CONJUNÇÃO SE + PRES. INDICATIVO*

Ex: "Se você pega uma narrativa, o tempo verbal mais utilizado é o pretérito perfeito."

B. *CONJUNÇÃO SE + FUTURO DO SUBJUNTIVO*

Ex: "Se você pegar uma narrativa, o tempo verbal mais utilizado é o pretérito perfeito"

C. *CONJUNÇÃO QUANDO (=NAS VEZES EM QUE) + PRES. INDICATIVO*

Ex: "Quando você pega uma narrativa, o tempo verbal mais utilizado é o pretérito perfeito".

D. *CONDICIONAL NÃO-FINITA*

Ex: "Sendo uma narrativa, o tempo verbal mais utilizado é o pretérito perfeito".

A hipótese subjacente ao presente trabalho é que todos os tipos de construções condicionais são introdutoras de espaços mentais, no sentido proposto por Fauconnier e Sweetser: modelos parciais ou locais de determinados aspectos do conteúdo mental; neste caso, possivelmente um modelo de uma situação específica no mundo, ou de uma determinada interação baseada em atos de fala ou de processos de raciocínio.

Espaços mentais são diferentes de mundos possíveis em muitos aspectos, principalmente por não serem de natureza objetiva, nem descritíveis em termos de condições de verdade; e também por serem locais ao invés de globais.

A idéia de que eu crio um espaço mental em "Se João tivesse vindo à reunião, eu estaria mais feliz" não significa que eu estaria mais feliz em um mundo como o atual (com guerras, injustiças, etc); mas também não significa que eu tenha vislumbrado um mundo definitivamente melhor nesses termos globais. Estou apenas ocupando-me com uma porção limitada da estrutura de mundo, ao construir esse estado de coisas alternativo imaginário: eu crio um espaço em que João veio à reunião, e outras estruturas locais (tais como tempo, lugar, outros participantes) permanecem os mesmos.

A proposta a ser desenvolvida nesta seção é a de que os participantes da interação introduzem espaços mentais de acordo com a seguinte escala:

CONDICIONAL "SE" > CONDICIONAL "QUANDO" > CONDICIONAL NÃO-FINITA

Essa escala prevê que ao utilizar uma construção condicional encabeçada por "se" o falante *negocia* a introdução de um espaço mental (entre outros possíveis); ao escolher uma construção condicional com "quando", o falante *re-introduz* um espaço mental que já negociou anteriormente; por fim, ao usar uma construção não-finita *ratifica* a introdução de espaços mentais por outros participantes.

Para ilustrar esse percurso, vale observar o seguinte trecho do corpus analisado, em que o objetivo do professor-formador (BEG) é discutir tipos textuais, enfocando especificamente o “ensaio”:

(8)

**BEG: se ocê pega aqui é um ensaio/esse texto é um ensaio tá vendo?**

LÉA: [ahã]

BEG: cê tem informação...

MA: cê já tem no ensaio/cê, cê já faz aquela reflexão...argumentativo/

FAT: [argumentativo é]

MA: que o autor vai nos levar a refletir sobre determinado assunto, mas que ele não vai fechar questão, vai...o leitor né/se questionar/

BEG: é o ensaio é até mais reflexivo até

MA: [reflexivo]

**BEG: tem um ponto sei lá/ (+) se pegar um editorial que também é argumentativo/o editorial/ ele tem um tom muito mais polêmico, enquanto texto argumentativo, do que ensaio (++) né (+)**

FAT: mhm então quer dizer aí a gente vê, pelo ensaio você já vai/você já vai fazendo leitura preparando-se mais para uma reflexão (2.2) né isso?

**BEG: é(+) na verdade quando você pe/ é pega um texto argumentativo do tipo ensaio (++) é quando você lê a informação aqui né/ de que esse texto é um ensaio/cê fala: ôpa eu vou ler um texto (++) eu vou ler um texto de opinião (+)**

FAT: [ahã]

BEG: eu não vou ler uma narrativa de ficção aqui,né/ esse cara aqui não vai me relatar um fato de vida(+) ele não vai relatar pra mim um episódio que ele viveu(+) tá(+) não vai(+) pode parecer que vai, né/(+) porque ele começa assim:”Uma colega de trabalho aqui em Washington/(+) mas ele não vai falar (+) entendeu/(+) então eu acho interessante você lê lá:ensaio/cê tem conhecimento sobre o gênero de texto/tá discutindo isso em sala de aula/que que é um ensaio?(++) você né/

MA: [ahã]

BEG: cê já entra no texto com qual expectativa/ eu vou ler um texto de opinião(+) né/(++) qual que é o ponto de vista que esse cara vai defender?

FAT: [hum,hum]

Na interação acima, BEG se utiliza de uma condicional com “se” para *negociar* a introdução de uma discussão a respeito do tipo textual “ensaio”. Na realidade, não chega a completar a apódose, que é estabelecida cooperativamente por FAT e MA. Em seguida, BEG usa uma outra condicional com “se” para introduzir um outro tipo de texto “o editorial”, e compará-lo com o ensaio. As duas condicionais utilizadas são pragmáticas, na medida em que se estabelece uma premissa, não para predizer um estado de coisas, mas para fundamentar uma afirmação a ser feita.

Vale destacar que a primeira condicional tem o verbo no tempo presente indicativo, enquanto que, na segunda, o verbo aparece no futuro do subjuntivo. Fauconnier (1997, p.95) argumenta que o tempo presente em construções hipotéticas pode ser usado

quando as premissas são construídas como fatos, e não como predições. Nesse caso, é possível argumentar que o uso do presente na primeira condicional emitida por BEG sinaliza que a premissa está sendo concebida como factual (na realidade, o tipo textual que lhe interessa “negociar” é o ensaio, como demonstra o desenrolar da conversa). Já na segunda condicional, a premissa é apresentada simplesmente como uma hipótese, já que a referência ao editorial servirá apenas de contraponto para a discussão a respeito do ensaio.

A terceira condicional que aparece no trecho analisado é encabeçada pela conjunção **quando**, que atua, nesse caso, como um *operador de domínio*, que pode ser interpretado como “nas vezes em que”. Declerck (1988) trabalhou com frases do seguinte tipo:

(9) Bears are intelligent when they have blue eyes. Ursos são inteligentes quando têm olhos azuis. Com relação à sentença acima, Fauconnier (1997, p.139) tece o seguinte comentário:

“Pensamos em *quando* como prototipicamente temporal, mas em expressões como (12), claramente não se tem esse sentido. Ao contrário, o efeito superficial do uso de *quando* é dividir o conjunto de ursos, atribuindo a predicação na cláusula principal (inteligentes) apenas a um sub-conjunto de ursos (aqueles com olhos azuis).

Voltando à condicional utilizada no corpus (“quando você pega um texto argumentativo do tipo ensaio...”), verifica-se o mesmo processo de divisão: o conjunto de textos argumentativos é dividido de modo que o comentário feito na pódose é atribuído apenas ao sub-conjunto de textos argumentativos do tipo ensaio.

Ao optar pelo uso de “quando”, ao invés de “se”, o professor-formador re-introduz um espaço mental cuja negociação já havia sido feita com êxito anteriormente.

Apenas nesse momento passa a descrever amplamente o tipo de texto em questão. Em outro momento, as professoras discutem a respeito do texto “Brasileiro, Homem do Amanhã”, de Paulo Mendes Campos, refletindo sobre até que ponto o título antecipa o texto:

FAT: ((lendo o título para Begma)) BRASILEIRO, HOMEM DO AMANHÃ

MA: nós chegamos à conclusão que esse título não antecipa(++)

BEG: não né

MA: Brasileiro, Homem do Amanhã ele, ele des/ CLAU: [ambíguo né]

MAR: ele é ambíguo

FAT: hum, hum.

MA: porque, **quando você lê Brasileiro, Homem do Amanhã, (+) você tem uma, uma idéia que ele vai falar de um brasileiro que é uma esperança**

BEG: hum, hum

MA: né (++) e na realidade ele não tem na/ essa idéia não tem a/com, com o conteúdo do texto  
 BEG: **depois que a gente lê o texto então/**  
 MA: **depois que você começa ler o texto você entende o título/**  
 CLAU: [primeiro parágrafo você começa a/  
 FAT: é, é primeiro parágrafo...  
 MA: é primeiro parágrafo já esclarece o título  
 BEG: a gente/ **lendo o primeiro parágrafo a gente já po/ (+) quer dizer o texto cria uma expectativa/ o título/não li o texto ainda todo não/**  
 CLAU: [hum,hum]  
 BEG: **mas o/o, o título cria uma expectativa (++)/**  
 MA: [hum,hum]  
 BEG: **e logo na leitura do parágrafo rompe com a expectativa**  
 FAT: é, é

No trecho acima, a condicional com “quando”, emitida por MA, re-introduz um espaço mental já negociado. O tempo verbal no presente indicativo confirma que a premissa está sendo tratada como factual, e portanto, é a base para a discussão subsequente.

A construção gerundial emitida por BEG “lendo o primeiro parágrafo”, ratifica o espaço mental “Primeiro Parágrafo”, introduzido por outros participantes. Nesse caso, a própria relação entre prótase e apódose mostra-se mais estreita. É interessante notar que, finalmente, ao retomar a construção iniciada por “lendo o primeiro parágrafo”, BEG utiliza o sintagma preposicional “logo na leitura do primeiro parágrafo”, que também é um construtor de espaço mental, e em que o uso de “logo” parece sinalizar a relação temporal estreita entre “ler o primeiro parágrafo” e “romper com a expectativa criada pelo título”.

### 3 Considerações Finais

A análise da interação conversacional entre professores apresentada neste trabalho apontou alguns aspectos que merecem investigação mais detalhada. Em primeiro lugar, verificou-se que as construções condicionais no português do Brasil apresentam uma variedade de configurações formais (encabeçadas por “se”, “quando”, construções não-

finitas, com diferentes combinações de tempo e modo verbais). Além disso, foi possível concluir que tais construções não apenas sinalizam posturas epistêmicas, como também constituem estratégias de negociação dos espaços mentais a serem introduzidos na interação conversacional.

É interessante notar que, no corpus analisado, há uma relação de poder ambígua entre o professor-formador e os demais participantes, que opera tanto verticalmente (superioridade hierárquica em termos de conhecimento) quanto horizontalmente (igualdade de ocupação profissional). Nesse sentido, as construções condicionais constituem estratégias eficientes de negociação prévia das afirmações a serem feitas, evitando que seus conteúdos pareçam arbitrariamente impostos.

### 4 Bibliografia

- DANCYGIER, B. & SWEETSER, E. 1996. *Conditionals, Distancing and Cognitive Space*. Stanford: CSLI Publications, pp.83-98.
- FAUCONNIER, G. 1994. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press. University of Chicago Press.
- FILLMORE, C. 1990a. *Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences*, In FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E., eds. 1996. *Spaces, Worlds and Grammars*. Chicago: Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 137-162.
- FILLMORE, C. 1990b. The Contribution of Linguistics to Language Understanding. In Aura Bocaz, ed. *Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture*. Santiago: Universidad de Chile.
- SWEETSER, E. 1990. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SWEETSER, E. & FAUCONNIER, G. (eds). 1996. *Spaces, Worlds and Grammars*. Chicago: University of Chicago Press.